

**ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE
TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL.
FONOLOGIA, GRAMÁTICA E HISTÓRIA. TOMOS I E II. ANA
SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL, ARYON DALL'IGNA
RODRIGUES (ORGANIZADORES). EDITORA UNIVERSITÁRIA
UFPA. BELÉM PARÁ. 2002. 442 P.**

Prof. Dr. Agenor José Teixeira Pinto FARIAS¹

Aproximadamente metade das línguas faladas no mundo está ameaçada e, segundo alguns indicadores citados pela UNESCO, usando dados da Associação Americana para o Progresso da Ciência, periodicamente, em espaços cada vez mais curtos de tempo, línguas desaparecem completamente, reduzindo a diversidade lingüística e cultural do nosso planeta.

Por um lado temos um avanço de idiomas que se apresentam como dominantes, onde se destacam o inglês, o russo, o indi, o espanhol e o português. Com esse avanço a Humanidade perde parte significativa de seu legado cultural, legado este que vem sendo construído a milhares de anos e que representa um grande acervo e parte especial de sua memória. Como sabemos, a língua é parcela marcante da identidade de um povo, sendo, inclusive, o instrumento por meio do qual o conhecimento tradicional é transmitido recepcionado e reciclado pelas diferentes gerações num rico processo de dinamismo cultural.

Uma língua precisa de uma comunidade relativamente significativa de falantes para ser considerada segura e ter garantido sua transmissão por entre as diferentes gerações. Nesta condição, encontramos apenas 600 idiomas fora de perigo. Na Ásia, por exemplo, metade das línguas possui

menos de 10 mil falantes e nesta região encontramos nada menos que 32% das línguas faladas no planeta.

Mais de 50 % da diversidade lingüística concentra-se na Nova Guiné, Indonésia, Nigéria, México, Camarões, Austrália, Índia e Brasil. No Brasil estima-se que existam por volta de 180 línguas das aproximadamente 1200 que teriam existido antes de 1500. Algumas das que hoje sobrevivem estão relacionadas a pequenos grupos, sendo que existem aquelas que estão reduzidas a menos de 20 falantes. Felizmente, porém, a Constituição Brasileira de 1988 instituiu o ensino nos idiomas nativos o que tem impulsionado vários projetos de preservação lingüística entre os povos indígenas no Brasil. Para citarmos apenas uma decorrência desta normativa, um processo bastante rico e sujeito a diferentes juízos de opinião, esteve em curso no município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Lá foram declaradas como línguas oficiais o baniwa, o tukano e o nhengatu, além do português.

O processo de revitalização de uma língua está diretamente associado ao número de falantes, mas, também, principalmente ao grau de transmissão às novas gerações. Ou seja, para que uma língua permaneça é de fundamental importância que ela esteja sendo aprendida pelas

⁽¹⁾ Professor da Faculdade de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da PUC-Campinas.

novas gerações, representadas em especial pelas crianças que estão aprendendo a fazer uso da comunicação oral e, mais recentemente, escrita. A quebra desse padrão de transmissão, por qualquer motivo que seja, representa uma ameaça à permanência da língua, minando sua continuidade que vem representada pelo seu uso.

Nessa direção, é muito oportuna a publicação que ora nos ocupamos em apresentar, em especial porque representa o acesso a um material bastante avançado sobre o que temos hoje em termos de estudos especializados em línguas indígenas. Trata-se da publicação da **Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Fonologia, Gramática e História**, com 80 trabalhos escolhidos dentre a centena dos que foram apresentados no Congresso.

Esse Congresso foi realizado entre 8 e 12 de outubro de 2001 na Universidade do Pará e permitiu que pesquisadores brasileiros e estrangeiros pudessem fazer um balanço e promover uma troca de experiências possibilitando, assim, atestar o atual quadro do estudo das línguas indígenas brasileiras. Cabe destacar que nessa oportunidade foram apresentados também trabalhos de especialistas que estudam línguas indígenas faladas fora do território brasileiro, mas que manter vínculos genéticos com aquelas aqui faladas, como é o caso da Argentina, Bolívia, Guiana Francesa e Venezuela.

No Congresso foi realizada uma homenagem a Kenneth Locke Hale, considerado um dos mais importantes lingüistas da segunda metade do século XX. Ken Hale, como era conhecido, documentou e analisou inúmeras línguas na América do Norte, América Central e Austrália. Além de proporcionar por duas vezes cursos no Brasil, no Museu Nacional e na UNB, Ken Hale recebia lingüistas seniores brasileiros para estágios no MIT, Massachusetts Institute of Technology, em Boston, MA.

Ken Hale falava mais de 50 línguas e participava ativamente de grupos ativistas em prol dos direitos humanos e da autonomia das minorias. O seu falecimento ocorreu no mesmo dia em que se abria o encontro, razão pela qual, inclusive, a ele

foi dedicado o Congresso, assim como a presente publicação dos volumes das atas.

Por ocasião da realização do Congresso foi homenageada também a Professora Doutora Yonne de Freitas Leite. Trata-se da primeira mulher pesquisadora de línguas indígenas do Brasil, tendo iniciado seus estudos nesta área com trabalhos sobre a língua Tapirapé, e hoje é uma importante agente multiplicadora dos estudos lingüísticos, sendo responsável pela formação de uma nova geração de pesquisadores. A professora Yonne de Freitas, do Museu Nacional da UFRJ, pronunciou a conferência de abertura do encontro internacional, publicada na íntegra, **A língua Tapirapé: um estudo de caso de uma perspectiva infinda**. Nessa ocasião, a par de relatar parte de sua trajetória entre os Tapirapé debateu sobre o estudo da língua tomado como um caso para a pesquisa lingüística no Brasil. Assim como esta, foi também publicada na íntegra a conferência **Patterns and Obstruences in Ikwere, an African Language with Nasal Harmony**, sob a responsabilidade de George Nick Clements (CNRS, Paris) e Sylvester Osu (LLACAN-CNRS, Villejuif).

É de se lamentar que as conferências: **Fundamental, Constraints, and Opportunities for Genetic Comparison**, promovida por Eric Hamp da Universidade de Chicago; **Exploração em torno a um texto: Arawitará ou Jornada ao mundo dos mortos**, por Lucy Seki da Unicamp; **Recent Approches and the Classification of American Indian Languages**, por Lyle Richard Campbell da Universidade de Canterbury na Nova Zelândia e, **Passado Presente e Futuro: o estudo das línguas indígenas no Brasil**, por Aryion Dall'Igna Rodrigues da Universidade de Brasília, tiveram publicado apenas os seus resumos.

Em relação a estas duas últimas conferências citadas, a se basear pelos resumos apresentados, foi debatido a "...evolução da existência das línguas indígenas no território brasileiro, marcada tanto por sua considerável diversidade, quanto pelo contínuo desaparecimento delas e dos povos que as falam...". Do mesmo modo, discutiram as mais recentes abordagens derivadas dos métodos históricos tradicionais aos estudos lingüísticos, em especial no que concerne dos métodos comparativos

contrapostos às novas perspectivas decorrentes de estudos recentes sobre a diversificação entre famílias lingüísticas relacionadas.

As comunicações foram apresentadas de forma agrupada em torno dos troncos lingüísticos. Estão relacionados pela ordem, os troncos lingüísticos seguidos de sua especificação pelas famílias e línguas especificadas. Dessa forma temos as comunicações apresentadas para o tronco MACRO-JÊ, com trabalhos sobre a família Bororo, Família Jê com textos sobre as línguas Apinayé, Parkatejê, Xikrin, Panará, Kaingang, Karajá e Yaathe.

As comunicações relacionadas com o tronco TUPI, dizem respeito a família Arikém, língua Karitiana, família Aweti, família Jurúna, família Maué, família Munduruku, a família Ramaráma, a família Tuparí e a família Tupi-Guarani.

No tomo II permanece a mesma estrutura de apresentação citada acima, com o diferencial que agora estão relatadas as variadas comunicações relativas às famílias lingüísticas isoladas, assim como, uma comunicação sobre as famílias lingüísticas ameaçadas e um trabalho sobre bancos de dados e dicionários indígenas. Nesse sentido estão representados estudos sobre as famílias

Karib, Aruák, Pano, Gawikurú, Txapakúra, Irántxi, Kwazá, Katukina, Mapuche, e Tembê.

Finalizando, no Tomo II estão apresentados ainda o conjunto de trabalhos que foram organizados na seção: **Educação Ética e Cultura**. São 15 diferentes comunicações que procuram debater questões relacionadas com as escolas nas aldeias, o ensino da língua materna, o ensino bilíngüe nas aldeias, a formação dos professores de línguas indígenas.

A publicação desta obra significa, portanto, uma excelente oportunidade para que um público maior possa ter acesso ao atual estado em que se encontra os estudos sobre as línguas indígenas no Brasil. Trata-se, por vezes, de um trabalho de especialistas para especialistas, mas nada impede que um leitor interessado nas questões indígenas de uma maneira geral possa se informar sobre como se processam os estudos sobre as línguas faladas pelos nativos no Brasil. Nesse sentido pode, inclusive, despertar novos interesses naqueles que pretendem se dedicar aos estudos de etnologia indígena brasileira pela via dos estudos lingüísticos propriamente, ou pela via de proporcionar um maior conjunto de saberes relativos a estas diferentes etnias citadas nos textos.

